

INDIELLY FLORES FIGUEIREDO DA SILVA

**AÇÕES PEDAGÓGICAS INOVADORAS: FAVORECEM A
ALFABETIZAÇÃO DO ESTUDANTE QUE APRESENTA
TRANSTORNO DÉFICIT DE ATENÇÃO**

GOIÂNIA

2021

INDIELLY FLORES FIGUEIREDO DA SILVA

**AÇÕES PEDAGÓGICAS INOVADORAS: FAVORECEM A
ALFABETIZAÇÃO DO ESTUDANTE QUE APRESENTA
TRANSTORNO DÉFICIT DE ATENÇÃO**

Monografia elaborada para fins de Avaliação total do trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professora Orientadora: Ma. Suely Maria da S. Amado

GOIÂNIA

2021

INDIELLY FLORES FIGUEIREDO DA SILVA

AÇÕES PEDAGÓGICAS INOVADORAS: FAVORECEM A ALFABETIZAÇÃO DO
ESTUDANTE QUE APRESENTA TRANSTORNO DÉFICIT DE ATENÇÃO

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, no Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidade da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Prof.^a Orientadora: Ma. Suely Maria da S. Amado _____

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Prof.^a Convidada: Ma. Ráquia Rabelo Rogeri _____

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Nota final: _____ ()

GOIÂNIA

2021

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente a Deus por me permitir chegar até aqui, a minha família, pelo amor e apoio, a minha orientadora, por cada ensinamento e as pessoas que eu conheci neste ano por tornar essa pesquisa possível.

AGRADECIMENTO

Agradecer está associado a felicidade, gratidão a qualidade de ser grato.

Hoje ao finalizar a minha graduação em Pedagogia, tenho um sentimento que vou levar sempre, uma emoção por saber que vou poder ajudar muitos estudantes, principalmente os que necessitam da inclusão escolar, no decorrer da minha profissão de educadora. Agradeço a Deus por me encaminhar para a Área da Educação, de formação docente que me apaixono a cada dia mais, ao apoio e incentivo que sempre tive dos meus familiares, noivo e amigos e a todas as crianças que me ajudaram a tornar possível a construção da minha profissão de educadora.

Um agradecimento especial ao professor Rodrigo Fideles por contribuir significativamente com a minha formação docente, a professora Rita de Cassia que é um exemplo de ser humano e profissional, e a minha orientadora Suely Amado por caminhar ao meu lado, durante um ano, na elaboração desse trabalho monográfico.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
CAPÍTULO I	
HISTÓRICO CONCEITUAL DO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO	10
1.1 Histórico da Educação Inclusiva na perspectiva da alfabetização	12
1.2 O que é Transtorno de Déficit de Atenção (TDA)?.....	16
1.3 Relação da Educação Inclusiva e a alfabetização do estudante com Transtorno de Déficit de Atenção (TDA)	16
CAPITULO II	
PROPOSTAS DE ALFABETIZAÇÃO: NA PERSPECTIVA DA EMILIA FERREIRO, ANA TEBEROSKY E MAGDA SOARES	19
2.1 O Processo de Alfabetização na Teoria de Emília Ferreiro (1999)	19
2.2 O Processo de Alfabetização na Teoria de Ana Teberosky (1999).....	21
2.3 O Processo de Alfabetização e Letramento na Teoria de Magda Soares (2020).....	23
2.4 O Preparo Pedagógico dos Educadores que Trabalham com Alfabetização dos Estudantes que Apresentam Transtorno Déficit de Atenção/TDA.....	24
CAPÍTULO III	
METODOLOGIAS ATIVAS COM ENFOQUE NA INCLUSÃO DO ESTUDANTE COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO (TDA)	26
3.1 Quais Metodologias Ativas deverão ser trabalhadas com estudantes que apresentam Transtorno de Déficit de Atenção para garantir sua participação, envolvimento e o sucesso de aprendizagem?	29
3.3 Alfabetização, Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) e Metodologias Ativas.....	31
3.4 Vivências lúdicas no processo de alfabetização	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	37

AÇÕES PEDAGÓGICAS INOVADORAS: FAVORECEM A ALFABETIZAÇÃO DO ESTUDANTE QUE APRESENTA TRANSTORNO DÉFICIT DE ATENÇÃO

Indielly Flores Figueiredo da Silva*

Suely Maria da S. Amado**

RESUMO: Este trabalho apresenta o tema: Ações Pedagógicas Inovadoras: Favorecem a Alfabetização do Estudante que Apresenta Transtorno Déficit de Atenção. O objetivo foi conhecer autores que aprofundam em suas teorias com abordagem e conceitos sobre: Transtorno de Déficit de Atenção (TDA), na Alfabetização, e utilizando as Metodologias Ativas que atendam estudantes com Dificuldades de Aprendizagem nos primeiros anos iniciais do Ensino Fundamental. A metodologia pautou-se em bibliográfica com os acervos da Biblioteca Central da PUC Goiás, obras adquirida durante o curso de Pedagogia, sites e artigos. O referencial teórico baseou-se em documentos oficiais, autores da área da Educação, Ana Beatriz Barbosa Silva e Lilian Bacich e José Moran que permitiram um suporte teórico. Como resultados, percebeu-se a necessidade de conhecer, pesquisar e aprofundar as propostas das Metodologias Ativas, com intuito do educador utilizar em sala de aula instrumento de trabalho pedagógico motivadores para ajudar os educandos a desenvolver os aspectos cognitivos e intelectual possibilitando a interação com a leitura e escrita. Por fim, os resultados demonstraram que o processo de alfabetização do educando com Transtorno Déficit Atenção tem a necessidade de ser por meio das metodologias ativas.

Palavras-chaves: Alfabetização, Transtorno de Déficit de Atenção (TDA), Metodologias Ativas, Educador, Educando, Aprendizagem.

* Acadêmica do curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

** Professora da PUC Goiás, Mestre, Orientadora.

APRESENTAÇÃO

Neste projeto monográfico é proposto o tema: AÇÕES PEDAGÓGICAS INOVADORAS: FAVORECEM A ALFABETIZAÇÃO DO ESTUDANTE QUE APRESENTA TRANSTORNO DÉFICIT DE ATENÇÃO. Surgiu esta temática durante os anos de estudo sobre a Educação Básica, educação inclusiva e a realidade cotidiana com os estudantes em sala de aula. Percebe-se que cabe ao pedagogo, que trabalha no ensino fundamental I, perceber com mais precisão estudantes que apresentam o Transtorno Déficit de Atenção (TDA). Isto porque inicia-se uma exigência maior a este sujeito aprendente de prestar atenção no objeto a ser aprendido no processo ensino-aprendizagem. Portanto, vê-se a necessidade de um estudo aprofundado para saber como o educador deve alfabetizar sem que ocorra a exclusão deste estudante na sala de aula. Quais são as maiores dificuldades enfrentadas em relação ao grande grupo, a sala de aula como todo? E aos estudantes que apresentam Transtorno Déficit de Atenção (TDA)? Como acontece a formação continuada destes educadores da Educação Básica?

Atuando na área escolar me deparei com situações que despertaram a curiosidade em relação ao tema Transtorno do Déficit de Atenção (TDA). Aquino (2008) afirma que, na prática, encontramos diversos transtornos e dificuldades de aprendizagem. Porém, o estudante com TDA tornou-se mais comum no cotidiano da sala de aula e da escola, isto nos exige criar estratégias pedagógicas para atender suas necessidades específicas. Diante desta realidade o educador precisa compreender e distinguir seu alunado que tenha a característica de TDA, pois alguns estudantes apenas não foram educados a concentrar ou estudar seguindo as normas da escola formal, ou apresentam Déficit de Aprendizagem, diante disto, o educador precisa conhecer os seus estudantes. O rendimento escolar do estudante com TDA é uma das prioridades da escola, devendo buscar as mais variadas formas para entendê-lo e atendê-lo.

Para aprofundar sobre o este tema foi colocado alguns objetivos para iniciar a pesquisa: conhecer autores e teorias que abordam os conceitos sobre Transtorno de Déficit de Atenção, alfabetização e metodologias ativas; investigar os principais problemas, da dificuldade de aprendizagem e analisar e ressaltar autores que propõe práticas pedagógicas que favoreça a inclusão do estudante com Transtorno de Déficit de Atenção.

Este estudo levou-me a questionar sobre Ações Pedagógicas Inovadoras que favorecem a alfabetização do estudante que Apresenta Transtorno Déficit de Atenção. Na Fundamentação Teórica foi abordado o Histórico Conceitual do Transtorno de Déficit de Atenção e da Educação Inclusiva; Emília Ferreiro (1999); Ana Teberosky (1999); Magda Soares (2020); 2. O preparo pedagógico dos educadores que trabalham com estudantes que apresentam transtorno déficit de atenção; metodologias ativas que propõe a inclusão do estudante com transtorno déficit de atenção.

A metodologia utilizada foi a pesquisa objetada, em que se buscou estudar e analisar através de livros, artigos científicos, revistas, publicações e documentos nacionais.

Esta pesquisa está fundamentada nas obras de autores clássicos da área da educação, artigos científicos, textos e Documentos do Ministério da Educação e Cultura (MEC), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a Resolução número 02/2001 do CNE-CEB, e o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA).

Para o aprofundamento teórico da aprendizagem que aborda, a Alfabetização do estudante com o Transtorno de Déficit de Atenção (TDA) na primeira fase do Ensino Fundamental, percebe-se a necessidade de conhecer, pesquisar e aprofundar as propostas das metodologias ativas. Diante da realidade que se encontra a educação, é necessário que o educador utilize na sala de aula essas metodologias, como instrumento de trabalho pedagógico para ajudar os estudantes com TDA a desenvolver os aspectos cognitivos e intelectual possibilitando a interação com a leitura e escrita.

Para esse aprofundamento busca-se autores como: Eugenio Cunha (2018); Luciana Caliman (2010); Magda Soares (2020); Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, (1999); Ana Beatriz Barbosa Silva (2014); Lilian Bacich e José Moran (2018).

Este trabalho monográfico está sendo realizado a partir da postura ética acadêmica, reflexiva analítica na busca de contemplar, nessa pesquisa, os objetivos propostos com intuito de aprender e compreender a temática deste projeto. Pretende-se como profissional da educação atender, o estudante com Transtorno de Déficit de Atenção, com olhar de inclusão e ações pedagógicas de qualidade na sala de aula.

Esta monografia é composta por três Capítulos: no Capítulo I é abordado o histórico conceitual do Transtorno de Déficit de Atenção, George Frederick Still

(1902) que descobriu o Transtorno, as mudanças que ocorram após alguns anos de estudo, a abordagem na perspectiva da inclusão e a definição mais recente do Transtorno; no Capítulo II é discutido o professor como organizador do processo de ensino e aprendizagem, e o preparo Pedagógico dos educadores para atender esses estudantes; no Capítulo III é apresentado Metodologias Ativas com enfoque na inclusão do estudante com transtorno de déficit de atenção (tda) juntamente com a pirâmide de aprendizagem de Willian Glasser, e propostas de alfabetização.

CAPÍTULO I

HISTÓRICO CONCEITUAL DO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO

O Transtorno de Déficit de Atenção (TDA) é reconhecido no meio médico desde o início do século XX. Iremos percorrer o seu processo histórico e conceitual a partir do ano de 1902 com o médico pesquisador George Frederick Still até os dias atuais (2021) e como pode impactar na vida do estudante.

No ano de 1902 o médico pediatra e pesquisador George Frederick Still foi o percurso do Transtorno de Déficit de Atenção (TDA), em seu estudo com um grupo de vinte crianças, Still rotulou os pais como sendo portadores de um “defeito de controle moral” em relação a sociedade da época. Mas ao aprofundar os estudos reconheceu uma ligação hereditária no comportamento das crianças ao perceber que algumas pessoas de sua família apresentavam problemas como alcoolismo, alteração de conduta e depressão. Duas décadas depois, médicos norte-americanos associaram o transtorno com a pandemia de encefalite ocorrida em 1917 e 1918, porém ainda não tinha explicação para as crianças que não foram expostas a encefalite.

A partir dos estudos já feitos, surgiram outras denominações para o TDA, como “cérebro danificado ou lesionado”, “lesão cerebral mínima” “disfunção cerebral mínima” e “síndrome da criança hiperativa”. Em 1980 foi publicado pela Associação de Psiquiatria do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, 3º edição (DSM-III) mudanças sobre o Transtorno, como: desvinculou de fatores causais dando destaque a aspectos dos sintomas, a desatenção como ponto chave e renomeou a síndrome para Distúrbio do Déficit de Atenção (DDA), definido como disfunção neurológica no córtex pré frontal que dificulta a concentração do indivíduo. Em 1994 foi publicado novamente o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, 4º edição (DSM-IV), nessa atualização o distúrbio foi renomeado para Transtorno do Déficit de Atenção, que é uma condição biológica e genética do sujeito por falta de atenção, esse comportamento se manifesta de forma persistente além de prejudicar o indivíduo no seu convívio na sociedade, desenvolvimento emocional, intelectual e educacional.

A principal causa do Transtorno Déficit Atenção segundo Galvão e Abuchaim (2009) é de ordem genética, porém fatores externos vinculados a problemas familiares também podem interferir para que se desenvolva os sintomas do

Transtorno. Esses sintomas ficam mais perceptíveis quando esse indivíduo é introduzido no ambiente escolar, pois é submetido a atividades de concentração e desempenho.

Além disso, a exposição a eventos psicológicos estressantes, como uma perturbação no equilíbrio familiar, ou outros fatores geradores de ansiedade podem agir como desencadeadores ou mantenedores dos sintomas. (GALVÃO; ABUCHAIM, 2009, p. 1).

Antes da primeira fase escolar é raramente identificado pois não exige muito a concentração e atenção das crianças. Esses sintomas são mais notórios a partir dos sete anos de idade, geralmente, os primeiros sintomas aparecem logo que a criança é introduzida no ambiente escolar, onde será exigido dela um poder de concentração maior do que ela é capaz de oferecer. Este Transtorno foi dividido por Silva (2014) em três subtipos básicos:

Tipo predominantemente desatento: quando os sintomas de desatenção são mais marcantes; tipo predominante hiperativo/impulsivo: quando os sintomas de hiperatividade e impulsividade estão presentes em proporções significativas e equivalentes; tipo combinado: quando os sintomas de desatenção e de hiperatividade/impulsividade estão presente no mesmo grau de intensidade (SILVA, 2014, p. 227).

O Transtorno de Déficit de Atenção têm como característica principal a desatenção e a dificuldade de concentração, são comumente identificados em crianças na fase escolar, justamente por ser um ambiente onde há necessidade de atenção, foco e aprendizado, com dificuldade de se concentrar naquilo que está fazendo e também pode estar associado à uma questão de memória. Silva (2014) explica que o comportamento do TDA nasce do que chamamos de trio de sintomas – formado por alterações da atenção (dificuldade na concentração), da impulsividade (dificuldade de autocontrole) e da velocidade da atividade mental (agitação e inquietude).

O transtorno de Déficit de Atenção (TDA) é uma síndrome psiquiátrica de alta prevalência em crianças e adolescentes do sexo masculino, apresentando critérios clínicos operacionais bem estabelecidos para o seu diagnóstico, ou seja, um transtorno neurobiológico acompanhado pela tríade de sintomas: desatenção, impulsividade e hiperatividade.

O estudo sobre Transtorno de Déficit de Atenção iniciou em 1902 pelo Dr. Still, porém mesmo com esse tempo de estudos e pesquisas, alguns estudantes que apresentam este transtorno ainda não são compreendidos na escola, sofrem preconceitos e deparam com métodos tradicionais que não ajudam os estudantes a superarem as dificuldades de aprendizagem terminando a primeira fase do Ensino Fundamental analfabetos ou semianalfabetos sendo que é um direito a educação de qualidade. Nos dias atuais, com todos os avanços tecnológicos e científicos é imprescindível que seja diagnosticado o quanto antes, pois diferente disso, pode trazer sérios prejuízos ao indivíduo, afetando seu desenvolvimento e aprendizado educacional, pessoal e social fazendo com que se sinta incapaz e inferior em relação aos demais.

1.1 Histórico da Educação Inclusiva na perspectiva da alfabetização

A alfabetização é a base da Educação. Para os estudantes com dificuldade de aprendizagem, não é diferente.

A partir da década de 90, começou a ser debatido entre autores e educadores sobre um Sistema Educacional Inclusivo, que visava uma educação de qualidade para todos e na valorização das diferenças. O marco principal para o início da inclusão se deu com a Declaração de Salamanca (1994), Documento elaborado na Conferência Mundial sobre Educação Especial, em Salamanca, na Espanha, com o objetivo de fornecer Diretrizes Básicas para a formulação e reforma de políticas e sistemas educacionais de acordo com o movimento de inclusão social. A partir daí, passou-se a considerar a inclusão de estudantes com necessidades educativas especiais, tanto nos espaços sociais quanto em salas de aulas regulares, como a forma mais avançada de democratização das oportunidades educacionais, e a escola regular passou a representar o local primordial onde a integração de crianças com Necessidades Especiais poderia ser concretizada.

No ano de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) preconiza (Lei nº 9.394/96), no artigo 59 que “os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação”, no inciso I trata da adequação dos currículos escolares, métodos pedagógicos, técnicas, recursos educativos e organizações específicas da sala de aula, materiais pedagógicos, atividades recreativas que

atenda às necessidades específicas dos estudantes. Percebe-se que as redes de ensino tem o dever de disponibilizar todos os recursos necessários para o atendimento igualitário entre os estudantes com necessidades educacionais especiais e os demais estudantes.

No ano 2000 foi elaborado alguns documentos (Lei 10.172, Resolução CNE/CEB Nº 2, Resolução CNE/CP Nº1/2002, Lei Nº 10.436/02) em defesa da qualidade da alfabetização dos estudantes com necessidades especiais, estes foram inscritos para contemplar seus direitos educacionais. Em 2003, o Ministério da Educação implementou o Programa Educação Inclusiva que tem por objetivo “Apoiar a formação de gestores e educadores, a fim de transformar os sistemas educacionais em sistemas educacionais inclusivos”. É importante ressaltar que no processo histórico em defesa da Educação Inclusiva surge no ano de 2008 o Decreto nº 6571 de 17 de setembro de 2008 que

A União prestará apoio técnico e financeiro aos sistemas públicos de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, na forma deste Decreto, com a finalidade de ampliar a oferta do atendimento educacional especializado aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, matriculados na rede pública de ensino regular. (BRASIL, 2008).

E no ano de 2009 é instituído as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) “tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas.” Acrescentando ainda, na Lei nº 12.801 de 24 de abril de 2013 no inciso quarto,

No âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, será considerada a especificidade da alfabetização dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, por meio da articulação com a formação de professores e a disponibilização de tecnologias educacionais, recursos didáticos e metodologias específicas. (BRASIL, 2013).

Percebe-se o quanto se faz necessário que o estudante seja alfabetizado na Idade Certa considerando suas especificidades e tendo o suporte do Atendimento Educacional Especializado para melhor desenvolvimento e aprendizado, cabendo ao educador organizar recursos pedagógicos, didáticos e metodologias de ensino que

melhor atenda esse estudante. No ano de 2015 foi criada a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), Lei nº 13.146 no artigo primeiro

É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. (BRASIL, 2015).

Nos dias atuais, temos o Decreto nº 10.502 de 30 de setembro de 2020 que Institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Neste Decreto do artigo segundo, inciso quatro e cinco é decretado que:

IV - política educacional inclusiva - conjunto de medidas planejadas e implementadas com vistas a orientar as práticas necessárias para desenvolver, facilitar o desenvolvimento, supervisionar a efetividade e reorientar, sempre que necessário, as estratégias, os procedimentos, as ações, os recursos e os serviços que promovem a inclusão social, intelectual, profissional, política e os demais aspectos da vida humana, da cidadania e da cultura, o que envolve não apenas as demandas do educando, mas, igualmente, suas potencialidades, suas habilidades e seus talentos, e resulta em benefício para a sociedade como um todo; V - política de educação com aprendizado ao longo da vida - conjunto de medidas planejadas e implementadas para garantir oportunidades de desenvolvimento e aprendizado ao longo da existência do educando, com a percepção de que a educação não acontece apenas no âmbito escolar, e de que o aprendizado pode ocorrer em outros momentos e contextos, formais ou informais, planejados ou casuais, em um processo ininterrupto; (BRASIL, 2020).

Nesse sentido deve-se entender a educação como um progresso dinâmico e flexível, que possibilite ao ser humano interagir diretamente com a sociedade, desenvolver suas potencialidades, decidir sobre seus objetos e ações. Podemos observar que no percorrer da historicidade da educação inclusiva o estudante precisa ser o foco no processo de aprendizagem, pois assim ele conseguirá ser alfabetizado e ter uma educação de qualidade, isto é, é necessário repensar e resignificar a prática pedagógica docente, efetivando a construção de uma metodologia de ensino em que a prioridade seja levar o aluno a “aprender a aprender”, a incorporação de uma proposta pedagógica humana centrada no aluno, que desenvolva atitudes e valores humanos.

A inclusão é a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós, possibilitando a elas o aprendizagem e o sentimento de pertencimento a sociedade a qual vive sem nenhum tipo de discriminação.

Nas escolas, é necessário que haja uma educação inclusiva que acolha todos os estudantes, sem exceção. O projeto de inclusão deve ser pensado e descrito no Projeto Político Pedagógico e no currículo escolar, e ser exercido pelo educador em sala de aula, sendo função da escola ter uma proposta de abordagem para os alunos que apresentar quaisquer tipos de laudo médico. Não é apenas colocar o estudante em sala de aula, mas atender as suas necessidades específicas voltado para as especificidades de inclusão do estudante, pois a forma como aprende não é igual a dos demais alunos. Segundo o Ministério da Educação (2014):

[...] é necessário viver a inclusão educacional como uma proposta de sociedade e da escola e não como imposta por uma pessoa ou governo. Não estamos falando de uma pessoa especialista que assume o ensino do aluno com deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação, estamos falando de um currículo e de um sistema educacional inclusivo e isso tem uma abrangência muito maior: as ações no interior da escola devem envolver todos os profissionais, alunos e a comunidade escolar; mudando a cultura da escola, mudando os modos de ser e estar, os ritos e práticas existentes nesses espaços (BRASIL, 2014, p. 13).

Nota-se que além de abranger todos esses aspectos, é necessário também que seja trabalhado cotidianamente a inclusão e que o estudante que necessitar desse apoio inclusivo, contemple desse aparato.

A educação é um direito de todos, e um dever do Estado instituído na Constituição Federal. Em seu artigo 205 deixa claro que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, para os estudantes com especificidades não é diferente, o Estado deve assegurar a educação do mesmo, pautando em alguns princípios disposto no artigo 206: Inciso I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; VII - garantia de padrão de qualidade.

1.2 O que é Transtorno de Déficit de Atenção (TDA)?

O sujeito que apresenta o Transtorno Déficit Atenção (TDA) se caracteriza principalmente pela desatenção, falta de foco, dificuldade de se concentrar naquilo que está fazendo e também pode estar associado à uma questão de memória (Albino, 2019). Enquanto o Transtorno Déficit Atenção Hiperatividade (TDAH) apresenta uma série de comportamentos como inquietação frequente, agitação de mãos e pés, incapacidade de espera, se contorcendo na carteira da sala de aula, dificuldade em se concentrar nas atividades da sala de aula, problemas com a organização, cometendo erros descuidados, dificuldade em ficar parado ou permanecer sentado, incapacidade de esperar a sua vez, comportamento impaciente, interrompendo regularmente outras pessoas, dificuldade em concluir tarefas, mesmo quando recebem instruções diretas, perdas frequentes de seus pertences.

Portanto percebe-se que TDA e TDAH apresentam características semelhantes mas o Transtorno déficit de atenção é identificado no sujeito praticamente passivo. Este Transtorno interfere na capacidade psíquica do estudante, alterando e prejudicando no funcionamento e desenvolvimento intelectual, podendo apresentar limitações associadas a diferentes áreas como: a comunicação, as habilidades sociais, realização de trabalhos acadêmicos, na aprendizagem e desempenho e funcionamento do sistema cognitivo.

1.3 Relação da Educação Inclusiva e a alfabetização do estudante com Transtorno de Déficit de Atenção (TDA)

O processo de alfabetização dos estudantes que apresentam Transtorno Déficit Atenção (TDA) torna-se um desafio para os educadores que atuam na primeira fase do Ensino Fundamental. Esta fase tem como objetivo **alfabetizar** que significa (aquisição da leitura, da escrita, da interpretação e da reelaboração). Mas, no entanto o estudante que apresenta TDA no processo de alfabetização demonstra dificuldades de aprendizagens pela sua dispersão considerado normal no seu quadro, mas os educadores por muitas vezes não compreende-lo, tem a pratica de taxá-lo como preguiçoso, desatento, relapso, ou então sem força de vontade, ignorando totalmente o transtorno. No processo de aprendizagem deste estudante é

encontrado alguns desafios, como: Baixos níveis de motivação em tarefas monótonas, problemas de auto regulação (tais problemas são de ordem comportamental, cognitiva e emocional); Memória de trabalho (envolve tanto o armazenamento dos sons como o de sílabas e palavras); Comorbidades associadas (quando o indivíduo possui mais de um transtorno, como TDAH + dislexia, TDAH + TOD que significa Transtorno Opositor Desafiador); Decodificação de palavras e compreensão de leitura, ocasionadas pela falta de atenção e restrição de memória para realizar um trabalho acadêmico (NeuroSaber, 2021).

No processo da alfabetização, o estudante com Déficit de Atenção aprende melhor quando os educadores ajuda-o a reduzir sua frustração ao realizar uma tarefa em sala de aula, pois como se distrai facilmente, é preciso de um tempo maior para realizar as atividades, sentando na primeira carteira ao lado do educador para concentrar na aula. Pela sua dispersão muitas vezes requer, do educador, um tempo maior para realização das tarefas com auxílio para superação das dificuldades de aprendizagem apresentada (NeuroSaber, 2021). Esta é uma forma de auxiliar na dificuldade de concentração, o estudante precisa de um tempo extra para a realização das tarefas, estudos e atividades propostas em sala de aula. Os recursos pedagógicos visuais também auxiliam nesse processo de ensino aprendizagem. O educador precisa saber que na fase do letramento pode surgir as maiores dificuldades, para esses alunos, pois não se adaptam as rotinas e são, desatentos, dispersam com qualquer movimento e ruídos na sala de aula ou no seu entorno.

O TDA pode comprometer a leitura, a escrita e outras áreas, afetando significativamente a aprendizagem do aluno. Contudo, através de pequenas mudanças e estratégias na rotina da criança, bem como adaptações no planejamento, pode-se contribuir para amenizar as manifestações do transtorno, mais que isso, auxiliar para uma melhor qualidade de vida para os alunos. (SANTOS, 2018, p. 54).

Os estudantes que apresentam Transtorno Déficit Atenção necessitam de uma atenção a mais por parte do educador, pois é necessário que os planos de aula que serão trabalhados no decorrer do ano sejam adaptados para atender as especificidades desse estudante para que ele aprenda e consiga caminhar com os demais estudantes. Uma outra forma para auxiliar na alfabetização do estudante com transtorno, é o educador encontrar a área em que o aluno mais domina, ou seja, a sua área de mais habilidade, tornar o conteúdo interessante e dinâmico

também pode facilitar esse aprendizado, o educador ao utilizar diferentes técnicas e metodologias pode aguçar a curiosidade e manter todos interessados no conteúdo, valorizar as pequenas conquistas desse educando incentiva uma série de benefícios para o processo de aprendizagem, pois estudantes que apresentam TDA tem frustrações com atividades escolares, uma outra forma também é criar vínculos afetivos com o educando, pois de forma geral ministrar as aulas de forma dinâmica e divertida é uma maneira interessante de tornar o cotidiano escolar prazeroso e se mostrar presente no cotidiano desse estudante.

O educando que é diagnosticado com TDA exige muita atenção e uma estrutura escolar favorável para que possa desenvolver todas as suas habilidades sociais e emocionais de maneira segura e sem segregação, sendo de responsabilidade da escola, família e equipe de especialistas contribuir para um ambiente positivo e alfabetizador.

CAPITULO II

O PROFESSOR COMO ORGANIZADOR DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A alfabetização corresponde ao aprendizado do alfabeto e de sua utilização como código de comunicação e apropriação do sistema de escrita. Algumas autoras são mundialmente conhecidas por serem precursoras desse processo, Emilia Ferreiro (1999) desenvolveu seu trabalho na área da psicolinguística com objetivo da alfabetização, Ana Teberosky (1999) que aborda a Psicogênese da Língua Escrita, Magda Soares (2021) que teoriza a alfabetização e letramento na perspectiva de um trabalho pedagógico a ser realizados por várias mãos, “caminhando juntos”.

2.1 O Processo de Alfabetização na Teoria de Emília Ferreiro (1999)

Emília Beatriz Maria Ferreiro Schavi nasceu em Buenos Aires, Argentina, no dia 5 de maio de 1936. Nos anos 60, formou-se em Psicologia pela Universidade do mesmo local e se tornou uma psicóloga, pesquisadora e escritora argentina, radicada no México. Emília Ferreiro, como é mundialmente conhecida, buscou seus trabalhos para a área da psicolinguística, desvendou os mecanismos pelos quais as crianças aprendem a ler e escrever, a sua principal obra é a Psicogênese da Língua Escrita publicado em 1999.

Emília Ferreiro (1999) é uma das autoras principais utilizada nas referências internacional nos estudos e pesquisas sobre o processo de alfabetização, defendendo a teoria construtivista de Piaget que tem a centralidade no processo de aprendizagem e o conhecimento construído pelo aluno com base na sua própria experiência pessoal, passou um longo período estudando acerca do processo de alfabetização que se compreende como:

[...] a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola, ou seja, a criança começa a ser alfabetizada no ambiente familiar e no convívio social, comunitário, e não termina ao finalizar a escola primária (FERREIRO, 1999, p. 47).

Para Ferreiro (1999) a criança inicia o seu processo de alfabetização em sua zona de convívio, que é o mundo que a cerca carregados de signos e significados,

considerando um ambiente de letramento que envolve o diálogo de forma natural que vai acontecendo na sua realidade cotidiana, tanto familiar, social, religioso, do lazer e no mundo escolar. Percebe-se hoje que o processo de alfabetização que surge a partir do diálogo e resultando na ação de ler, escrever e compreender, não se limita apenas a primeira fase do Ensino Fundamental e nem a sala de aula. O processo de alfabetização iniciado com a criança no término da Educação Infantil deve acontecer até o 9º ano do Ensino Fundamental, e o educador da Educação Básica deve valorizar e priorizar nas suas atividades pedagógicas esse processo de alfabetização.

A autora Maria Del Cioppo Elias (2000), estudiosa da área de alfabetização e pesquisadora das propostas de Emília Ferreiro, elaborou alguns aspectos para os alfabetizadores trabalharem com os alfabetizandos na sala de aula criando situações experimentais com alguns passos para seguir e entender o processo de alfabetização: a) a escola deve apresentar a língua escrita para a criança, como um objeto sobre o qual pode atuar, sem se preocupar com detalhes, pois, não se pede de imediato correção gráfica nem ortográfica; b) entender que as letras não possuem forma fixa, pois, cada uma se define em função das outras, sendo assim permitir o acesso o quanto antes a escrita do nome próprio, entender que as letras vão depender da combinatória que elas tem para representar os sons; c) mostrar que é um importante instrumento nas ações sociais, deve refletir a língua escrita como objeto social; d) entender como se estrutura essa forma de representação, que é um conjunto de regras de modo ordenado; entender que o nome dela tem um conjunto de letras estáveis e que as letras se repetem em outros nomes; e) considerar as informações que as crianças já sabem da escrita, pois tiveram oportunidades de interagir com ela, O professor precisa ter repertório para compreender e interpretar o nível de conceituação e as hipóteses das crianças; f) interpretar as escritas infantis, não supervalorizando a criança nem subvalorizando a criança; g) entender o processo construtivo da criança, percebendo e valorizando o que ela já sabe, juntar “dados” para fazer a comparação e saber o nível de conhecimento do aluno. h) dar sentido a língua escrita como objeto social, mostrando para a criança a função social da escrita, sua necessidade de aprender a ler e escrever; i) não supervalorizar o erro, mas mostrar que com ele a oportunidade de aprendizagem.

A alfabetização é um longo processo de aprendizagem e não se limita apenas a escola, no entanto, a aprendizagem formal é indispensável para a formação escolar da criança, a aprendizagem não se limita aos métodos pedagógicos. A intervenção do educador deve ser problematizadora, colocando a criança como protagonista do seu processo aprendizagem, dando a ela o direito de se expressar através da fala e de gestos, procurar entendê-la na colocação de suas hipóteses e tratá-las com naturalidade na sala de aula. Durante o processo de alfabetização, o educador deve perceber que não é a hora de corrigi-la, mas de incentivá-la a fala e a escrita, sendo assim a ideia dos métodos tradicionais é contestada, porque a criança é autora do seu processo de aprendizagem e não telespectadora de um conhecimento pronto.

2.2 O Processo de Alfabetização na Teoria de Ana Teberosky (1999)

Ana Leonor Teberosky Coronado, nasceu no ano de 1944 em Buenos Aires, Argentina. Pedagoga e doutora em psicologia ao lado de Emília Ferreiro desenvolveram no final dos anos de 1970 o estudo sobre a Psicogênese da Língua Escrita, investigando o processo de aquisição da escrita pela criança, para esclarecer o processo vivido pelo aluno que está aprendendo a ler e a escrever. Juntamente com Emília Ferreiro, escreveu o livro que é a referência de seus estudos, *Psicogênese da Língua Escrita* (1999).

O termo psicogênese refere-se a origem, gênese ou história da aquisição de conhecimentos e funções psicológicas de cada pessoa, processo que ocorre ao longo de todo o desenvolvimento, desde os anos iniciais da infância, e aplica-se a qualquer objeto ou campo de conhecimento. Ferreiro e Teberosky desenvolveu os estudos referente a alfabetização tendo como base a psicogênese, nesse sentido Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) define a alfabetização como sendo um processo gradual de domínio de um sistema de símbolo e sinais. É a sistematização da leitura e da escrita, tendo começo, mas não fim, pois o ser humano sempre estará aprendendo uma palavra nova. Neste sentido, a capacidade de ler e escrever não depende exclusivamente da habilidade que o alfabetizando apresenta de “somar pedaços de escrita”, e sim, antes disso, de compreender como funciona a estrutura da língua e a forma como é utilizada na sociedade.

A partir dos estudos da psicogênese, Ferreiro e Teberosky (1999) trouxeram uma nova visão de aprendizagem, descrevendo-a como um processo contínuo de construção e elaboração de hipóteses. Nesse sentido, a psicogênese vem contribuir com resultados de pesquisas que põe em evidência as hipóteses das crianças durante o processo de construção de conhecimentos.

Ana Teberosky, também é uma defensora do construtivismo, nesse sentido a sua ênfase é a criança ser o foco no processo de aprendizagem. A autora defende que para realizar o processo de alfabetização, é necessário um ambiente alfabetizador:

É aquele em que há uma cultura letrada, com livros, textos digitais ou em papel, um mundo de escritos que circulam socialmente. A comunidade que usa a todo momento esses escritos, que faz circular as ideias que eles contêm, é chamada alfabetizadora (GENTILE, 2018, p. 1).

O ambiente alfabetizador tem por objetivo fazer a criança interagir com os materiais de leitura e produção, utilizando materiais impressos, como panfletos, embalagens, placas, anúncios, jornais literatura infantil, até material didático confeccionado pela professora, proporcionando-lhes a oportunidade de construir o significado sobre a função social da escrita.

Ana Teberosky (2014) defende que o ato da leitura e da escrita são fundamentais para o processo de aprendizagem de produção textual, começando antes mesmo do estudante aprender a ler, por já fazerem parte de um ambiente letrado. O processo de leitura é um processo que pode ser realizado dentro de um ponto de vista cultural, ou seja, começar pela cultura que o estudante está inserido para torna-lo um escritor ou leitor autônomo. Para auxiliar nesse processo de apropriação e imersão a cultura letrada, a autora defende que o adulto que acompanhar esse estudante faça leitura de contos e livros em voz alta para que a criança entre em contato com esse mundo. E o processo de apropriação da escrita vem como consequência de toda essa imersão na cultura letrada, ou seja, em decorrência do aprendizado da leitura.

2.3 O Processo de Alfabetização e Letramento na Teoria de Magda Soares (2020)

Magda Becker Soares, nasceu em 7 de setembro de 1932, em Belo Horizonte, onde reside atualmente. Graduada em Letras na UFMG, doutora e livre-docente em Educação, é uma das autoras pioneiras no Brasil dos estudos de alfabetização e letramento, com ênfase no processo de ensino aprendizagem. Tem como principais obras a coletânea de três livros: *Alfabetização - Magda Soares* (2019), *Linguagem e Escola - Magda Soares* (2017) e *Alfabetização e Letramento - Magda Soares* (2020).

Magda Soares (2020), nos oferece dois conceitos linguísticos distintos, o de Alfabetização e Letramento. Alfabetização como sendo:

Processo de apropriação da 'tecnologia da escrita', isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas,

Ou seja, tornar o estudante capaz de ler e escrever. E Letramento

Capacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diversos diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para dar apoio a memória.

Os conceitos de alfabetização e letramento caminham juntos, porque:

[...] a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e de escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o *letramento* (SOARES, 2017, p. 44).

No processo de ensino aprendizagem podemos fazer uma relação entre os dois conceitos, no qual o estudante aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, como por exemplo: leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita, define como objeto do processo de alfabetização

o sistema de escrita alfabética, que o estudante aprende a associar a leitura e escrita, sendo assim um processo de aquisição dos fonemas e grafemas por meio da alfabetização e letramento.

2.4 O Preparo Pedagógico dos Educadores que Trabalham com Alfabetização dos Estudantes que Apresentam Transtorno Déficit de Atenção/TDA

Para melhorar a qualidade da aprendizagem e desenvolvimento cognitivo do estudante que apresenta Transtorno Déficit Atenção, e ter um aproveitamento escolar satisfatório os profissionais que acompanhar esse estudante deve estar em consonância. O educador tem papel de mediador da aprendizagem e orientador dos estudantes. Segundo Rohde e Benczik (1999):

[...] há necessidade de um acompanhamento pedagógico realizado pelo professor, visando prevenir lacunas na aprendizagem. Observa-se que o professor deve estar atento às dificuldades apresentadas. O transtorno afeta vários aspectos da vida da criança, podendo apresentar melhoras em alguns sintomas. O encontro da realidade traz conceitos que podem ajudar no entendimento dos conflitos, a percepção, a compreensão do diferente, a aceitação da inclusão (ROHDE; BENCZIK, 1999, p. 30).

Para isto, pensa-se que a Matriz de Pedagogia deve contemplar disciplinas que aprofundam os transtornos e déficit de aprendizagem para inserir num projeto de inclusão escolar e na sala de aula. Percebe-se que é necessário a oferta de cursos de formação continuada para todos os acadêmicos dos cursos de licenciatura e principalmente do curso de Pedagogia, com objetivo de especializar na área de inclusão, para que possa atender os educandos que necessitam de um acompanhamento pedagógico diferenciado.

Algumas autoras são referência na definição teórica, que nos ajudam a compreendermos em detalhe o perfil e necessidades do educando com Transtorno Déficit Atenção, destaca-se exemplo da autora Ana Beatriz Barbosa Silva (2020) em seu livro “Mentes Inquietas”, que explica o TDA e o TDAH em detalhe o funcionamento do transtorno do educando, caracterizado principalmente pela desatenção, falta de foco, dificuldade de se concentrar naquilo que está fazendo e também pode estar associado à uma questão de memória, justamente por conta de não estar prestando atenção naquilo que está fazendo e não reter aquele

conhecimento com facilidade, sua mente funciona de forma diferente dos estudantes normais.

A autora Clarice Peres (2018) em seu livro “TDA-H Transtorno Déficit de Atenção e Hiperatividade – Da Teoria á Prática” aborda estratégias para a escola, família e para os profissionais da saúde, propondo formas de trabalhar com o educando.

As ações pedagógicas e as proposta do educador que se deparar com estudante que apresentar o Transtorno Déficit de Atenção deve favorecer suas especificidades, para melhor desenvolvimento e aprendizado, como por exemplo: utilizar recurso ilustrativo (gráficos, planilhas, imagens, listas e cores diferentes para ensinar as matérias), também é necessário que o educador estabeleça contato com o olhar e combine sinais com o estudante para se comunicar sobre os comportamentos esperados (prestar atenção na matéria, fazer a tarefa proposta. Pode ser um sinal com a mão, um toque no ombro), reforço positivo quando o aluno completar uma tarefa/lição proposta elogie pontualmente, ao se dirigir ao estudante ser assertivo nas colocações e agir de forma afetuosa e gentil, certificar sempre se ele compreendeu o que foi solicitado e relembrar as ordens sempre que preciso de forma clara, escutar o estudante com TDA trocando ideias e informações, o uso de tecnologias também é um grande aliado para se trabalhar com esses estudantes e a alternção de métodos de ensino para que não seja repetitivo e monótonas as aulas, pois aulas mais prazerosas e criativas aguçam o interesse do estudante com TDA facilitando o aprendizado.

CAPÍTULO III

METODOLOGIAS ATIVAS COM ENFOQUE NA INCLUSÃO DO ESTUDANTE COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO (TDA)

Aprendizagem Ativa é estudada na década de 80 em que alguns autores começam a propor uma Educação Inovadora a partir das Metodologias Ativas destacando uma nova forma de enxergar o aprendizado. Estas metodologias são cruciais para que os professores, a partir dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas, consigam propor e obter um maior engajamento, desenvolvimento e capacidade de investigação e reflexão dos educadores e estudantes. O objetivo desse modelo de ensino é incentivar que a comunidade acadêmica desenvolva a capacidade de absorção de conteúdos de maneira autônoma e participativa, além de tornar os estudantes protagonistas da sua própria aprendizagem.

O Ensino Tradicional ainda está muito presente nas Instituições de Ensino, colocando o aluno como agente passivo em sala de aula, que se torna um mero expectador do conhecimento, ouvinte do professor que transmite as aulas a partir dos livros didáticos adotados pela escola. A Educação Inovadora é pensada e estruturada para transformar o aluno em um estudante procurando transformar a qualidade das relações sociais e educacionais dentro e fora da escola. Na Educação Tradicional o aluno absorve e aprende os conhecimentos que são dados em sala de aula sem um sentido, ou valoração próprios, ou mesmo seus valores se resumem ao desempenho escolar. Na Educação Inovadora o estudante aprende os valores e sentido dos conhecimentos adquiridos, propõe para si metas de desenvolvimento pessoal. Interessa-se por áreas e objetiva aprofundar-se nas teorias estudadas. Portanto se torna um sujeito ativo, protagonista de seu conhecimento das abordagens diferenciada do educador.

Para contribuir nesta nova forma de organizar as relações de ensino-aprendizagem, e os sujeitos nelas envolvidos, surgem na década de 1980 as Metodologias Ativas como alternativa a uma nova forma de aprendizagem, negando a aprendizagem passiva, onde a apresentação oral dos conteúdos, por parte do professor, se constituía como única estratégia didática. Assim, desafia ao educador e ao estudante uma nova capacidade de pesquisar, estudar e transitar de forma mais autônoma na busca do conhecimento, percorrendo um percurso de aprendizagem, descobrindo suas próprias habilidades, procurando responder aos

desafios, problemas, conflitos na vida acadêmica, profissional, social e política na sala de aula.

Metodologias Ativas são novas concepções do processo de ensino e de aprendizagem que valorizam a participação do estudante em sua construção, que gera nele o sentimento de pertença ao ambiente escolar, a sua turma de sala de aula, aos grupos de estudos, ao conhecimento proposto. É um processo amplo e possui como principal característica a inserção do aluno/estudante como agente principal responsável pela sua aprendizagem.

Destaca-se algumas Metodologias Ativas que tiveram notoriedade nas instituições de ensino como: 1- a pirâmide de aprendizagem de William Glasser, 2- gamificação, 3- trabalho com jogos para resolver problemas de forma criativa, 4- ensino híbrido, que mescla dois modos de ensino, o online o aluno possui controle sobre algum elemento do seu estudo na escola ou fora dela, como o tempo, modo o ritmo ou o local e o off-line que deve ser realizado na escola, e pode ter vários momentos diferentes e **Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP)**, que é a construção do conhecimento a partir da **discussão em grupo de um problema**. Propondo ao estudante que desenvolva autonomia, planejamento de ações, automotivação, administração do seu tempo, comunicação, reflexão, organização, flexibilidade e execução de trabalho em equipe.

Estas metodologias ajudam a consolidar a proposta de inclusão escolar, pois, envolve o estudante com o objeto de estudo para que aprenda no seu ritmo, tempo e condição de ser. Segundo Bacich e Moran

[...] é um processo de aprendizagem único e diferente para cada ser humano, e que cada pessoa aprende o que é mais relevante para si, o que gera conexões cognitivas e emocionais. Sendo assim, o estudante tendo autonomia de seus estudos consegue fazer essa assimilação. (BACICH; MORAN, 2018, p. 38).

No ambiente escolar estão presentes crianças de diferentes culturas, crenças, costumes e forma diferenciada de aprender. Cada ser é único e carrega consigo suas particularidades que o formam e o constitui como é. Na sala de aula o educador encontrará, reunido em uma única turma, a diversidade e especificidade de cada estudante, e cabe ao educador a tarefa de proporcionar a todos a oportunidade de produzir seu próprio conhecimento, sem deixar ninguém para trás, para isso, as metodologias ativas vão ajudar. Algumas auxiliam, o educador, de

forma significativa no processo de alfabetização dos estudantes que apresentam o Transtorno Déficit Atenção, podendo garantir a participação, envolvimento e o sucesso na aprendizagem e desenvolvimento de cada estudante, principalmente os que apresentam os sintomas característicos do Déficit de Atenção ou Déficit de Aprendizagem. Eles precisam ser assistidos mais de perto e estimulados no processo de aprendizagem. Portanto, cabe ao educador entender e fazer abordagens pedagógicas adequadas para que o estudante seja ativo no processo de aprendizagem.

O estudante que apresenta o Transtorno Déficit Atenção, tem dificuldade em se concentrar e prestar atenção no que está sendo falado pelo educador, ou seja, as vezes não aprendem porque não conseguem concentrar. O regente de sala pode dispor de algumas estratégias para melhorar o desenvolvimento e aprendizado do educando. Segundo a Associação Brasileira do Déficit de atenção (ABDA) os que apresentam o Transtorno devem preferencialmente sentar-se nas primeiras carteiras da sala, nunca perto da porta ou da janela, para evitar que se distraiam, as atividades não serem longas para que o estudante não se perca e diversificar os métodos e estratégias das aulas para melhor envolvimento do estudante.

Percebe-se que os novos tempos exigem mudarmos os métodos, didáticas e as metodologias utilizadas em nossas práticas educativas, pois os que são voltados à problematização, à busca do conhecimento, à experimentação e à interação alcança efetivamente a formação de um sujeito mais ativo, crítico, reflexivo e transformador. A aprendizagem do estudante é mais vantajosa e atrativa quando o educador faz uso da metodologia ativa, pois o estudante se torna um agente muito mais ativo e responsável pelo próprio aprendizado tendo autonomia para seguir seu ritmo e escolher o formato que julga ter mais facilidade para assimilar o conteúdo proposto.

Segundo Oliveira (2019) Metodologia ativa de aprendizagem consiste em uma forma de ensino no qual o estudante é estimulado a participar do processo de forma mais direta com objetivo de estimular o aprendiz a sair do estado de estagnação durante a aula e colocá-lo como protagonista do processo de aprendizagem. Algumas dessas metodologias podem auxiliar e facilitar no processo de alfabetização do estudante com Transtorno Déficit Atenção.

3.1 Metodologias Ativas e o trabalho com estudantes que apresentam Transtorno de Déficit de Atenção

1º exemplo - William Glasser e sua pirâmide de aprendizagem. A seguir, vamos apresentar o que é a pirâmide de aprendizagem de William Glasser e qual a sua relação com as Metodologias Ativas.

William Glasser (1925-2013) foi um psiquiatra norte-americano que estudou a saúde mental, o comportamento humano e a educação, afirma que o educador é um *guia* para o aluno e não um *chefe*, explica também que o educando deve aprender fazendo, pois ao se trabalhar com a memorização os conceitos apreendidos podem ser esquecidos após a aula. William Glasser na década de 1960 criou a proposta da pirâmide de aprendizagem que tem por objetivo explicar a melhor forma de aprender com autonomia. O autor visa otimizar a partir da descrição da pirâmide como os educandos retêm os conteúdos. Ao observar a descrição da pirâmide de aprendizagem de William, quando o educador utiliza em sala de aula metodologias ativas percebe-se que o estudante aprende: 10% quando lê; 20% quando ouve; 30% quando observa; 50% quando vê e ouve; 70% quando discute com outras pessoas; 80% quando faz e 95% quando ensina aos outros.

Figura 1 - Pirâmide de Willian Glasser



Fonte: Melo (2021).

No processo de alfabetização, a metodologia utilizada é um elemento crucial, pois direciona o planejamento e as estratégias do educador em sala de aula, estabelecendo o que se espera para que o educando aprenda nesse processo.

As metodologias de ensino da Educação Tradicional pouco ressaltam a autonomia do educando, pois o professor toma a iniciativa de ensinar a matéria/conteúdo ao educando que, sentado na cadeira, escuta tudo passivamente, com aulas expositivas dando o lugar aos estudantes de agentes passivos no seu processo de aprendizagem. Nesse modelo pedagógico os professores aplicam testes e provas padronizadas sem considerar as diferenças de aprendizagem de cada aluno na sua individualidade, sendo resumida em uma educação bancária. Para contrapor e inovar o modelo tradicional de ensino, surge as propostas das Metodologias Ativas propondo atividades em sala de aula em que o estudante aprende. O autor William Glasser (1960) demonstra a “Pirâmide de Aprendizagem de Glasser”, que propõe aumentar significativamente a participação e aprendizagem dos estudantes, tornando-os agentes ativos no seu processo de aprendizagem. A proposta é de melhorar a apreensão e compreensão dos conteúdos estudados; adquirir mais autonomia e engajamento com os colegas e educador nas aulas; adquirir postura investigativa e solucionar desafios e problemas da vida real. Glasser defende quanto mais o estudante estiver interagindo com os conteúdos propostos pelo educador no ambiente escolar, mais vai melhorar sua aprendizagem.

Como vimos, a Metodologia Ativa está em contraste com os métodos tradicionais de ensino, principalmente pela mudança de papel do educando, pois são estimulados a resolverem os problemas utilizando a criatividade e buscando soluções por si mesmo. Um grande diferencial do papel do educador, é o estímulo, dado aos estudantes, para a construção de estratégias a fim de atingir os objetivos pretendidos para aula. Percebe-se que nesta proposta metodológica o educador tem como objetivo estimular seus educandos a serem sujeitos do seu processo de aprendizagem.

Para Glasser “A boa educação é aquela em que o educador estimula seus educandos a pensar, a aprender através do diálogo, promover a compreensão e o crescimento destes estudantes”. Podemos notar que o método tradicional de absorção do conteúdo não é a melhor maneira de se aprender, e por isso, a proposta da educação inovadora possibilita ao educador desenvolver seus trabalhos pedagógicos utilizando as metodologias ativas que provoca no estudante

uma responsabilidade com seu processo de aprendizagem, levando-o a assumir uma atitude ativa em seus estudos para melhor compreensão do conteúdo. Embora o trabalho com as metodologias ativas possa incluir atividades tradicionais, como lições de casa, mas com intuito da pesquisa, além de serem usados recursos diversos, como debates, simulações de situações da vida real, as vivências cotidianas, projetos em grupo e uso da Tecnologia Digitais da Informação e Comunicação (TDIC).

3.3 Alfabetização, Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) e Metodologias Ativas

Ao longo da história houve um avanço das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem para serem utilizadas nas instituições de ensino da Educação Básica. Com a ascensão do capitalismo e da Revolução Industrial no século XVIII foi criado novas tecnologias como o quadro negro, o lápis, o retroprojetor, o rádio e a TV. No entanto, esse recurso tecnológico tinha somente caráter de transmitir a informação sem necessitar da participação, do estudante, para a produção do conhecimento. A partir do século XX com a chegada dos dispositivos e o acesso à internet foi possível um avanço significativo no processo de aprendizagem, o educador tem o papel de mediador e mentor, e o educando passa a ter uma participação ativa e autônoma no processo de construção do conhecimento.

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), comumente conhecidas como TDIC são tecnologias que têm o computador e a Internet como instrumentos principais. A crescente utilização das tecnologias digitais da comunicação impulsiona, a cada dia, a sua utilização na grande maioria das áreas da vida humana, influenciando principalmente nas práticas pedagógicas. Alguns educandos que antes não tinham acesso à internet, hoje antes mesmo de ingressar na escola já compreendem como acessar a internet e ter acesso a informações.

Tratando-se de paradigmas educacionais, observa-se a importância e necessidade da inserção dessas tecnologias no dia a dia das escolas e principalmente no processo de ensino e aprendizagem, pois

A evolução tecnológica sugere um desafio para a escola e, para enfrentá-lo, é preciso trazer para o contexto as informações presentes nas tecnologias aliadas aos conhecimentos escolares,

propiciando a interlocução entre os sujeitos com vistas a ampliar o entendimento (PORTO, 2006, p. 20).

Portanto, hoje recebe-se nas instituições educacionais estudantes do mundo digital, isto exige que os educadores se atualizem nesta área, e renove seus métodos pedagógicos para alfabetizar estudante deste mundo digital, e perceba que paralelamente há um mundo de possibilidades tecnológicas, que causam “uma mudança comportamental radical, onde estudantes do mundo contemporâneo não são os mesmos para os quais o sistema educacional foi criado” (PRENSKY, 2001, p. 1).

Os educadores precisam se inteirar das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), e perceber que esta metodologia ativa que vem para qualificar e auxiliar no desenvolvimento e aprendizagem dos seus estudantes que se encontram no processo de alfabetização. Se tratando do processo de aquisição e domínio da leitura e escrita, ao utilizarem dos instrumentos tecnológicos que priorizem o saber e a capacidade de investigação do educando, se assemelha ao ensino híbrido que, pode ser compreendido como conhecimento mediado ou acompanhado pela tecnologia, trazendo inúmeras combinações e ramificações possíveis a um mesmo processo.

A prática de utilização da Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) para o educando com Transtorno Déficit Atenção deve ser feita de acordo com as suas necessidades. O plano de aula do educador deve conter atividades que incluam esse educando, e não ser isolado. Por exemplo, em uma atividade sobre associação de vogais (vogal com letra inicial do desenho) para educando na faixa etária de 6 e 7 anos temos o objetivo de auxiliar os educandos durante o seu processo de alfabetização, observando o desenvolvimento na atividade. Para realização da atividade é necessário a utilização da sala de informática com auxílio da plataforma “wordwall.net” com este material, os estudantes podem aprender a reconhecer e pronunciar as vogais, além de associar desenhos à vogal inicial do seu nome. O educando com transtorno déficit de atenção exercita a concentração, a memória e aprende por meio de uma metodologia ativa, que foge do tradicional.

Figura 2 - Jogo Associação de Vogais



Fonte: <https://wordwall.net/pt/resource/1767634/associa%C3%A7%C3%A3o-vogais>

Figura 3 - Jogo Associação de Vogais



Fonte: <https://wordwall.net/pt/resource/1767634/associa%C3%A7%C3%A3o-vogais>

Durante a aplicação da atividade é necessário que o educador observe como o educando está se desenvolvendo, se a aprendizagem está sendo significativa. Ao utilizar a atividade Pedagógica com proposta avaliativa é necessário que educador faça cotidianamente através da observação diária no desempenho de suas atividades identificando dificuldades a serem sanadas no decorrer do período escolar.

3.4 Vivências lúdicas no processo de alfabetização

Outra proposta de metodologia ativa, para se trabalhar com educando que apresenta Transtorno Déficit Atenção (TDA) são as vivências lúdicas, que tem como objetivo atividades lúdicas, como brincadeiras, jogos, contação de história e outras ações que promovam aprendizado e diversão ao mesmo tempo. Tem como propósito possibilitar o contato com a ludicidade, à medida que oportuniza o desenvolvimento do processo de reparação e integração do nosso pensar sentir e fazer.

As vivências lúdicas é de grande valia para o processo de desenvolvimento e aprendizagem, segundo o Ministério da Educação “As vivências lúdicas trabalham ao mesmo tempo a motricidade, a atenção, a memória, o raciocínio, a criatividade, a aprendizagem, a ansiedade, a organização espacial, a coordenação motora e o esquema corporal.” (BRASIL, 2006, p. 38), também trabalha com a imaginação e criatividade. Todos os aprendetendes precisam da ludicidades em seu processo do conhecimento. O educando que é diagnosticado com TDA propicia a descoberta de caminhos curtos e prazerosos para alcançar a atenção, a organização e a memória ajudando na formação social e critica.

Para a inserção das vivências lúdicas no processo de alfabetização é necessário que o educador organize e planeje suas práticas pedagógicas, levando em consideração sua especificidade e necessidade para traçar objetivos a serem alcançados com os jogos e brincadeiras. Segundo os autores Filho e Madrid (2005), a utilização dos jogos e brincadeiras como recurso didático pelo educador pode contribuir para o aumento de possibilidades de aprendizagem da criança, pois por meio desses recursos, ela pode vivenciar corporalmente as situações de aprendizagem, exercitando a cooperação e aprendendo em grupo.

Na elaboração do plano de aula, o educador precisa traçar o objetivo a ser alcançado naquele momento de vivência lúdica, por exemplo na atividade de quebra cabeça com alfabeto móvel associando os respectivos desenhos temos o objetivo de desenvolver a motricidade e a memória, aprendizagem das cores e das letras, exercitando a concentração e a criatividade do educando com transtorno déficit atenção. Para ter esse momento de aprendizagem com o educando, é necessário um espaço maior, podendo ser realizado no chão da sala de aula com o auxílio do

tapete alfabético, nessa atividade o educando precisa encaixar as letras na forma correspondente na sequência alfabética e os desenhos na sua letra inicial.

Figura 4 -



Fonte: Arquivo pessoal

A atividade do tapete alfabético, ao ser realizada em sala de aula, o educador precisa observar e registrar as ações do educando. Sempre observando o desenvolvimento nos múltiplos aspectos, analisando o desenvolvimento que teve com atividade, quais objetivos foram alcançados pelos educando, e os objetivos que não forem alcançados serão trabalhados de outra forma em outras atividades. No processo de aprendizagem observar os conhecimentos prévios que elas trazem e como responde ao levantamento de hipóteses, fugindo do modelo tradicional de aprendizagem implantando nessa proposta as metodologias ativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar esse trabalho monográfico, foi possível concluir que o educando diagnosticado com Transtorno Déficit Atenção (TDA) passa por várias dificuldades no processo escolar, com isso, o suporte do educador é fundamental para o seu processo de desenvolvimento e aprendizagem para que possa trilhar caminhos e caminhar sozinho. Este estudante necessita de uma relação mais voltada para suas dificuldades de concentração e aprendizagem, de forma mais afetuosa, para que se sinta seguro e possa deslanchar no seu aprendizado.

Percebe-se que o papel Escolar é garantir que seu educando se desenvolva intelectualmente, afetivamente e socialmente. Portanto, a Escola deve ser um lugar em que o estudante se sinta bem e seguro, se sinta acolhido, pois a Instituição além de ser um local de informações, experiências e conhecimento científico, deve assegurar que os estudantes se tornem pensadores autônomos e ativos no processo de aprendizagem. Augusto Cury (2003, p. 68) afirma que “[...] professores fascinantes também cumprem o conteúdo programático, mas seu objetivo fundamental é ensinar os alunos a serem pensadores e não repetidores de informações”.

No anseio de sempre elevar e construir uma educação cada vez mais pensada para o estudante, é fundamental que surjam novas metodologias e ideias para suas aplicações. Com a sugestão da atividade apresentada nesta monografia, esperamos que educadores tenham alternativas de aprendizagem na educação em que o educando seja o centro do seu aprendizado. As Metodologias ativas têm sido centro de muitos debates educacionais, mas elas só fazem sentido quando são primeiramente internalizadas pelo educador, quebrando seu próprio paradigma de ensino tradicional, para aí sim, ao lado do estudante, construir juntos um processo educacional efetivo. Pois afinal, não existe educação quando não há aprendizagem, tão pouco estudantes ativo na construção de saberes. O mundo atual exige competências e ousadia por parte dos educadores para renovar e garantir uma Educação de Excelência aos nossos estudantes. Para isto, deixo registrado a necessidade da formação continuada destes profissionais da Educação.

REFERÊNCIAS

AMORA, Antônio Augusto Soares. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

ALBINO, Pedro. Entenda o que é tda e tdah. Disponível em: <https://pedroalbino.com.br/2019/05/08/entenda-o-que-e-tda-e-tdah/>. Acesso em 16 de dezembro de 2021.

AQUINO, J. N.; NAPOLE, N. **TDAH na escola**: conhecimento e atuação do professor de educação física. 2008. 87 fs. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura plena em Educação Física) - Academia de Ensino Superior, Sorocaba, 2008.

BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. Disponível em: <https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Metodologias-Ativas-para-uma-Educacao-Inovadora-Bacich-e-Moran.pdf>. Acesso em: 30 de abr. de 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. Ministério da Educação. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 01 de abr. de 2021.

_____. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB n. 2, de 11 de fevereiro de 2001**. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2001. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res2_b.pdf. Acesso em: 19 de mar. de 2021.

_____. Ministério da Educação. **Saberes e práticas da inclusão**: dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento. Brasília: MEC/SEE, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dificuldadesdeaprendizagem.pdf>. Acesso em: 23 out. 2021.

_____. Câmara dos Deputados. **Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto nº 6.253, de 13 de novembro de 2007. Brasília: CL, 2008. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2008/decreto-6571-17-setembro-2008-580775-publicacaooriginal-103645-pe.html>. Acesso em: 25 de set. de 2021.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Pró -Letramento**: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais de Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem. ed. rev. e ampl. Incluindo SAEB; Prova Brasil Matriz de Referência. Brasília: MEC/SEB, 2012.

_____. Ministério da Justiça. Lei nº 12.801, de 24 de abril de 2013. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: JUR, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: educação inclusiva**. Brasília: MEC/SEB, 2014.

_____. Ministério da Educação. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: MEC, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 01 de out. de 2021.

_____. Senado Federal. **Estatuto da criança e adolescente**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf. Acesso em: 12 de mar. de 2021.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica**. jul. 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192. Acesso em: 01 de out. de 2021.

_____. Ministério da Educação. **Decreto nº 10.502, de 30 de setembro de 2020**. Institui a Política Nacional de Educação Especial: equitativa, inclusiva e com aprendizado ao longo da vida. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.502-de-30-de-setembro-de-2020-280529948>. Acesso em: 04 de out. de 2021.

_____. Ministério da Educação. **Programa Educação Inclusiva: direito à Diversidade**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/17434-programa-educacao-inclusiva-direito-a-diversidade-novo>. Acesso em: 16 set. 2021.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Apresentação**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/superior/legisla_superior_const.pdf. Acesso em: 15 de out. de 2021.

CALIMAN, Vieira Luciana. Notas sobre a história oficial do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade TDAH. **Psicologia Ciência e Profissão**. Vitória, v. 30, n. 1, p. 45-61, 2010.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre teoria e a prática**. 12 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

CUNHA, Eugenio. **Práticas pedagógicas para a inclusão e diversidade**. Rio de Janeiro: Wak, 2018.

CURY, Augusto Jorge, 1958. **Pais brilhantes, professores fascinados**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

EDUCA+BRASIL. **Afinal, o que é Metodologia Ativa de Aprendizagem?** 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/cursos-e-faculdades/pedagogia/noticias/afinal-o-que-e-metodologia-ativa-de-aprendizagem>. Acesso em: 13 de out. de 2021.

ELIAS, Maria Del Cioppo. **De Emilio a Emilia**. São Paulo: Scipione, 2000.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. v. 2. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GALVÃO, Ana Luiza; ABUCHAIM, Cláudio Moojen. **Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade**. ABC da Saúde: 2009. Disponível em: <https://www.abcdasaude.com.br/psiquiatria/transtorno-do-deficit-de-atencao-e-hiperatividade/>. Acesso em: 19 set. 2021.

GENTILI, Paola. Ana Teberosky: “debater e opinar estimulam a leitura e a escrita”. **Nova escola**. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/251/ana-teberosky-debater-e-opinar-estimulam-a-leitura-e-a-escrita>. Acesso em: 14 jun. 2021.

GLASER, W. (2017). William Glasser. Fonte: PPD: Disponível em: <https://digitalinnovation.one/artigos/a-piramide-de-aprendizagem-de-william-glasser>. Acesso em: 13 de out. de 2021.

GOIÁS. Secretaria da Educação. **AEE - Atendimento Educacional Especializado**. Goiás: Secretaria da Educação, 2010.

INSTITUTO NEUROSABER. **Como alfabetizar uma criança com déficit atenção**. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/como-alfabetizar-uma-crianca-com-deficit-de-atencao/>. Acesso em 16 de dezembro de 2021.

MELO, Édipo. **Pirâmide de Aprendizagem de William Glasser**. 2021. Disponível em: <https://digitalinnovation.one/artigos/a-piramide-de-aprendizagem-de-william-glasser>

OLIVEIRA, Adrieli. Afinal, o que é metodologia ativa da aprendizagem? **Educa+Brasil**. 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/cursos-e-faculdades/pedagogia/noticias/afinal-o-que-e-metodologia-ativa-de-aprendizagem>. Acesso em: 25 nov. 2021.

OLIVEIRA, Cátia Regina G. A. de. João de Deus, a cartilha maternal e o ensino da leitura em Portugal. **Revista História da Educação**. Pelotas, v. 2, n. 4, p. 49-56, jul./dez., 1998.

OLIVEIRA, Lina Kátia Mesquita. O direito a aprender: discurso de abertura da IV Reunião da Abave. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 19, n. 41, p. 375-378, set./dez., 2008.

PAULON, Simone Mainieri; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca; PINHO, Gerson Smiech. **Documento subsidiário à política de inclusão**. Brasília: MEC/SEE, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro%20educacao%20inclusiva.pdf>. Acesso em: 30 de abr. de 2021.

PHELAN, Thomas W. **Associação Brasileira dos Transtornos do Déficit de Atenção. TDA TDA/H: transtornos de déficit de atenção e hiperatividade**. São Paulo: M Books, 2005.

PORTO, T. M. E. As tecnologias de comunicação e informação na escola: relações possíveis... relações construídas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, jan./abr., 2006.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants part 1. On the horizon, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/prensky%20-%20digital%20natives,%20digital%20immigrants%20-%20part1.pdf>. Acesso em: 13 out. 2021.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **PPP - Projeto Político Pedagógico**. Instituto Santa Teresinha do Menino Jesus. ISTMJ, 2021.

RIZZO, Gilda. **Os diversos métodos de ensino da leitura e da escrita**. 5. ed. Rio de Janeiro: S.A., 1989.

ROHDE, L. A.; BENCZIK, E. B. P. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: O que é? Como posso ajudar?** Porto Alegre: Artmed, 1999.

SANTOS, Lilian Azeredo. Transtorno de déficit de atenção no ciclo de alfabetização. **Revista do Seminário de Educação de Cruz Alta – RS**, v. 6, n. 1, 2018. Disponível em: <http://www.exatasnaweb.com.br/revista/index.php/anais/article/view/613/272> <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11686882/artigo-59-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>. Acesso em: 20 de set. de 2021.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes inquietas: TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade**. 4. ed. São Paulo: Globo, 2014.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2020.

TEBEROSKY, Ana. Entrevista com a pesquisadora argentina Ana Teberosky. **Jornal Futura - Canal Futura**. Entrevista concedida à Márcio Rezende. Youtube. 16 out. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vo6ATYVW0co_

TELÊMACO BORBA, PR. Secretaria Municipal de Educação. **Orientações para o trabalho pedagógico no ensino fundamental**. Telêmaco Borba: Seção do Ensino Fundamental; Divisão de Planejamento e Aperfeiçoamento Técnico-Pedagógico; SME, 2016. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6263caminhoslivroseb&Itemid=30192#:~:text=Desde%2006%2C%20o%20Fundo%20das,crian%C3%A7a%20o%20direito%20de%20aprender. Acesso em: 14 de abr. de 2021.

UNESCO. **Declaração de Salamanca** (1994), UNESCO, Espanha. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>.